

**O ABANDONO E O DESRESPEITO NA VELHICE: REFLEXÕES SOBRE O
ENVELHECIMENTO NA OBRA *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS***

**ABANDONMENT AND DISRESPECT IN OLD AGE: REFLECTIONS ON
AGING IN THE WORK *THE MACHINE FOR MAKING SPANIARDS***

Andressa de Jesus Araújo Ramos¹

Universidade Federal do Pará

Jayne Sampaio Neves²

Universidade Federal do Pará

Mêrivanía Rocha Barreto³

Universidade Federal do Pará

Resumo: De acordo com Zimerman (2007), no mundo todo, à medida que os anos vão passando, aumenta o número de velhos. Com o crescimento da população senil, cresce também o abandono e o desrespeito a pessoa idosa pela sociedade e, muitas vezes, pelos próprios familiares. Em vista disso, este artigo objetiva refletir sobre o abandono e o desrespeito do “ser velho” na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*, de Valter Hugo Mãe. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, cujo referencial teórico ampara-se em Simone Beauvoir (1976) e (1990), Candido (2006), Mucida (2014), Netto (2007) e Zimerman (2007).

Palavras-chave: Abandono; Desrespeito; Velhice; A Máquina de Fazer Espanhóis.

Abstract: According to Zimerman (2007), the number of elderly people worldwide is increasing as time passes. As the senile population grows, so does society's abandonment and disrespect for the elderly, often at the hands of their own family members. In light of this phenomenon, the purpose of this article is to reflect on the abandonment and disrespect of the "old being" in Valter Hugo Mãe's work *The Machine for Making Spaniards*. This is a bibliographic study with a qualitative approach, with theoretical support from Simone Beauvoir (1976) and (1990), Candido (2006), Mucida (2014), Netto (2007), and Zimerman (2007).

Keywords: Abandonment; Disrespect; Old age; The Machine for Making Spaniards.

Submetido em 29 de julho de 2021.

Aprovado em 7 de fevereiro de 2022.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Teoria Literária (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: adajaramos@gmail.com.

² Graduada em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: Jaynesampaio12@gmail.com.

³ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Teoria Literária (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: merivanía@ufpa.br.

Introdução

Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil tinha a quinta maior população idosa do mundo em 2016. Em 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou em uma pesquisa, que nosso país tinha alcançado 28 milhões de velhos, ou seja, 13,5% do total da população. Em dez anos, chegará a 38,5 milhões (17,4% do total de habitantes) e no ano de 2042, a projeção do IBGE é de que a população brasileira atinja 232,5 milhões de habitantes, sendo 57 milhões de idosos (24,5%).

Com o aumento da população idosa no país, também aumentou a quantidade de velhos³ enclausurados em casas de repouso, lar de idosos ou, como é mais conhecido pelo senso comum, asilos. De acordo com o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA), cerca de 83.870 anciões estão instalados em abrigos, onde é comum haver abandono familiar. Voltado a este tema, em que o afastamento familiar do longevo parece de maneira comum na sociedade, a obra de Valter Hugo Mãe retrata a vida de longevos deixados em um desses lares e os sentimentos que os cercam.

A obra de Valter Hugo Mãe chegou ao Brasil recentemente, há cerca de nove anos e ainda há um índice de poucos trabalhos acadêmicos direcionados ao livro vencedor dos prêmios Portugal Telecom Romance e o Prêmio Oceanos. Portanto, a necessidade de um estudo mais aprofundado desse romance ficcional é de extrema importância para a academia de Letras, uma vez que o tema da velhice, abandono e desrespeito está presente em todos os lugares em especial nos asilos, surgindo, assim, a justificativa desta pesquisa. Mãe possui várias obras literárias, porém escolhemos o livro *A máquina de fazer espanhóis* para aprofundar nossas análises no que concerne ao abandono e o desrespeito na velhice.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa bibliográfica é o de refletir sobre o abandono na velhice na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis* de Valter Hugo Mãe. O referencial deste estudo ampara-se em Beauvoir (1976) e (1990), Candido 2006, Mucida (2014), Netto (2007) e Zimmerman (2007). A metodologia desta investigação consistiu em:

3 Neste estudo admitimos o emprego da palavra “velho (a)” para nos referirmos a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, pois acreditamos, assim como Zimmerman (2007), que este termo não carrega nada de pejorativo. Pelo contrário: depreciativo é substituir o nome velho por eufemismo, como se ele fosse uma irregularidade a ser escondida. Na realidade, o que precisa ser mudado não é a forma de chamá-lo, mas sim a maneira de tratá-lo.

a) revisão da literatura; b) estudo da velhice; c) exame da obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*; d) análise literária.

Sendo assim, este artigo, além desta introdução e das considerações finais, apresenta três seções. A primeira, intitulada “Valter Hugo Mãe e *A máquina de fazer espanhóis*”, discorre sobre a vida do autor e a obra analisada. A segunda, denominada “O abandono na velhice” trazem reflexões sobre o desamparado que a pessoa idosa vivencia na sociedade e em *A máquina de fazer espanhóis*. E, por fim, a terceira seção, nomeada de “O desrespeito com o velho na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*” discute os desacatos sofridos pelos idosos no livro estudado.

1. Valter Hugo Mãe e *A Máquina de Fazer Espanhóis*

Nascido em 25 de setembro de 1971, na cidade angolana conhecida anteriormente como Vila Henrique de Carvalho, atualmente chamada de Saurimo⁴, o escritor Valter Hugo Lemos, mais conhecido pelo seu pseudônimo Valter Hugo Mãe, foi ainda pequeno para a cidade Passos de Ferreira, e em 1980 mudou-se com sua família para Vila do Conde, em Portugal. cursou a faculdade de Direito e uma Pós-Graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Romancista, poeta, editor, artista plástico e cantor, Valter Hugo Mãe foi ganhando reconhecimento do público, de modo que em 2007 ganhou o Prémio Literário José Saramago com o livro *O Remorso de Baltazar Serapião*. No mesmo ano teve sua primeira exposição individual de desenho artístico na Galeria Símbolo, no Porto. Além de escritor, Valter Hugo Mãe também se dedicou à música, estreando como voz do grupo “Governo” em janeiro de 2008, no Teatro do Campo Alegre, também no Porto.

Ao final do ano de 2012, Mãe iniciou sua carreira como apresentador em seu programa de entrevistas no Canal do Porto e neste mesmo ano também ganhou o Grande Prémio Portugal Telecom de Literatura e Melhor Romance do Ano, com a sua extraordinária obra *A máquina de fazer espanhóis*.

O livro *A Máquina de Fazer Espanhóis* foi escrito em 2010 é considerado um dos mais importantes romances contemporâneos, fazendo uma belíssima narrativa sobre a vida dos velhos no asilo, mostrando como estes se comportam perante a velhice, o abandono familiar, a perda, bem como os vínculos que ainda podem ser criados com outros

4 Saurimo é uma cidade e município de Angola, entre os anos de 1923 a 1975 o seu nome foi "Vila Henrique de Carvalho", em homenagem a Henrique Augusto Dias de Carvalho, que foi um explorador português.

sujeitos em um novo ambiente. Outrossim, a obra também aborda o âmbito do envelhecimento a partir de duas perspectivas, a do idoso (como ele vê a si mesmo) e dos indivíduos que o cercam. A produção de Mãe aborda também a decadência de Portugal e sua política nos anos de Ditadura, a religião e o medo da morte.

O livro é escrito, em sua maior parte, por letras minúsculas. Possui apenas dois capítulos que fazem uso de letras maiúsculas, travessões e a pontuação correta segundo as normas gramaticais. Nestes capítulos, a narrativa se encontra em terceira pessoa e trata da temática da política portuguesa, assunto que se expande em muitas conversas entre os personagens.

A narrativa se inicia com o personagem principal António Jorge da Silva, seu Silva, como é chamado no decorrer do livro, em um hospital acompanhando sua esposa Laura com a qual é casado há 47 anos. Laura teve uma indigestão após o lanche e vem a óbito deixando o viúvo desolado e inconformado com sua perda. Em diversos trechos da obra o narrador fala da dor de não ter mais sua amada que sempre é lembrada de forma doce e amável pelo personagem

[...] eu e a minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de respirar através dos seus olhos, a minha necessidade vital de respirar através do seu sorriso. (MÃE, 2016, p. 35).

O recém-viúvo se encontra furioso com um de seus filhos por não ter vindo visitar a mãe em seu velório. Ricardo, como se chama o filho do personagem, mora na Grécia e deixa à sua irmã Eliza a responsabilidade do destino do pai, que opta por deixá-lo no lar Feliz Idade. Ainda no momento de luto em que se encontra o protagonista, seu Silva é mandado para o asilo. Neste ambiente é onde o enredo cria vida e nos leva a ver a velhice não só pela história de António Jorge da Silva, através das histórias de outros figurantes moradores do lar que mais adiante se tornarão uma grande família: “ali todos os quatro juntos, éramos uma comédia das antigas” (MÃE, 2016, p. 131). Este breve trecho da obra relata o pensamento do narrador-personagem em um momento de descontração e festa no lar em que ele já se sente familiarizado e feliz, havia feito amigos com os quais se divertia.

O romance se passa em Portugal e narra acontecimentos de uma Ditadura que o país vivenciou, com personagens que se omitiram e se reprimiram para sobreviver a Ditadura de Salazar. Aborda temas importantes como a religião e seus conceitos, em alguns momentos o figurante chega a negar ter credo religioso e fazer sarcasmo sobre o

catolicismo. No trecho a seguir o narrador está convencido que aceitar a crença e as regras impostas por seu ditador não lhes faria mal e os tornaria úteis na máquina social que seria Portugal: “viva salazar viva salazar maria imaculada mês de maio mês dos lírios e das rosas mês de maria coração de maria, dai-nos o vosso amor santa maria” (MÃE, 2016, p. 95).

Com o personagem principal agarrando-se ao passado, pois todas as suas referências estão lá, passando a viver das recordações que um dia lhe trouxeram alegrias ou tristezas, a obra de Valter Hugo Mãe fala artisticamente das memórias que, mesmo no âmbito da ficcionalidade, são memórias que cumprem um papel de recordar a temporalidade da época, ao relembrar a realidade portuguesa vivenciada durante a Ditadura Salazarista, pelo narrador-personagem António Jorge da Silva. No trecho a seguir o narrador está a falar do sentimento de saudade da época de sua juventude e de como se sentia em relação ao mundo, uma nostalgia de si mesmo, porém não sente o mesmo pela Ditadura já passada, conforme apontamos no trecho a seguir.

[...] quando dizemos que antigamente é que era bom estamos só a ter saudades, queremos na verdade dizer que antigamente éramos novos, reconhecíamos o mundo como nosso e não tínhamos dores de costas nem reumatismo. É uma saudade de nós próprios, e não exactamente do regime e menos ainda de Salazar. (MÃE, 2016, p.129).

É importante ressaltar que a Ditadura Salazarista existiu em Portugal entre os anos 1933 e 1974. O período ditatorial a que a obra faz referência é o de António de Oliveira Salazar, que atuou como chefe de governo de Portugal durante os anos de 1933 a 1968. Tal época ficou mais conhecida como Estado Novo, teve seu fim quando a Revolução dos Cravos derrubou a Ditadura e deu início à reconstrução da democracia portuguesa. O regime de Salazar era caracterizado por ser antidemocrático, antiliberal, corporativista e conservador sob o lema “Deus, pátria, família”.

Em seus quatro primeiros romances: *Nosso reino* (2004), *O Remorso de Baltazar Serapião* (2006), *Apocalipse dos trabalhadores* (2008), e *A máquina de fazer espanhóis* (2010), o autor tenta aproximar os leitores de suas obras escrevendo-as em letras minúsculas, até mesmo, nomes próprios e início de capítulos, buscando fazer alusão à nossa fala e pensamento, pois, segundo ele, quando pensamos ou falamos não nota-se letras maiúsculas ou minúsculas.

Valter Hugo Mãe, em suas obras, procura, geralmente, destacar detalhes do cotidiano e também acentua problemas contemporâneos passados por alguns países como

por exemplo Portugal e a Islândia, dentre os quais destacamos o abandono na terceira idade.

2. O Abandono na Velhice

Atualmente, o idoso deixou de ser importante para a sociedade, pois ele não é amparado, mas abandonado. A filósofa, escritora e feminista francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, em sua obra *A velhice*, compara essas atitudes de desamparo como atitude de animais, irracionais e sem sentimentos, afirmando que:

[...] a maior parte das sociedades não deixa os velhos morrerem como bichos. Sua morte é cercada de um cerimonial para o qual se reivindica, ou se finge reivindicar, seu ‘consentimento’. Por outro ângulo, muitas sociedades respeitam as pessoas idosas enquanto estão lúcidas e robustas, mas livram-se delas quando se tornam decrépitas e senis. (BEAUVOIR, 1990, p. 66).

Os filósofos Platão e Aristóteles demonstram, de acordo com Beauvoir (1990), opiniões contrárias sobre a fase da velhice. Platão via a senescência como algo ligada as suas opções políticas, pois ele a concebia como símbolo real de conhecimento, segundo ele, a Polis⁵ ideal, era aquela que garantia a felicidade do homem, e a felicidade é a virtude que emanava do conhecimento da verdade. Por outro lado, Aristóteles admite que o idoso é capaz de suportar com nobreza todas as instabilidades, mas os bens do corpo e os bens exteriores são necessários. Nesta visão de Aristóteles, o declínio do corpo acarreta a decadência do indivíduo como um todo, nos levando a afirmar que é de maneira singular a cada cultura o tratamento dispensado aos seus velhos.

Os idosos passam a ser rejeitados não somente por não serem mais trabalhadores produtivos, mas desprezados pela família e pela sociedade em que vivem, por negligência ou falta de condições de cuidar dos longevos, eles vêm sendo deixados nos hospitais durante dias, semanas ou meses. O Estatuto do Idoso estabelece que mais de 30 dias sem visita já é considerado abandono, e é necessário acionar os parentes pelo Ministério Público, este afastamento vem sendo vivenciado nos hospitais, nas ruas ou instituições, ocorre não só por falta de vínculos familiares, mas também por desproteção da comunidade e do Estado.

5 Polis era a cidade-estado, que na Grécia antiga seria um pequeno território cujas suas características eram semelhantes a uma cidade.

O sentimento de abandono, embora possa estar presente em indivíduos de qualquer idade, se destaca mais no período da velhice, pois é nesta fase da vida em que o idoso se depara com diversas situações, que vão desde os acometimentos por doenças, até afastamentos de pessoas, o detrimento do corpo jovem e da sua agilidade, bem como a perda da independência. Na realidade, “Entre as vivências na velhice, são comuns as experiências de perdas que podem levar ao sentimento de solidão” (CARMONA *et al.*, 2014, p. 682). E a solidão pode ocasionar “[...] um declínio da saúde mental e estar ligado a quadros depressivos, consumo de substâncias ilícitas e tentativas de suicídio” (CARMONA *et al.*, 2014, p. 682). Pesquisadores da Universidade de Chicago, no ano de 2016, descobriram que o descaso pode aumentar o risco de morte em 14% nas faixas etárias mais avançadas.

Os familiares alegam a dificuldade de fazer uma “pausa” no trabalho, ou em seus projetos, para acompanhar e dar suporte a um idoso da família que esteja demandando cuidados. Mucida (2014) afirma que, mesmo que tecida sob distintas maneiras, não é tão afastado de nós aquilo que a velhice tem provocado em grande parte das sociedades ancestrais ou em outros grupos mais organizados. Se não deixamos nossos velhos padecerem nas montanhas da morte⁶, o abandono está presente de formas mais encobertas.

O abandono do idoso em asilo é o mais comum, pois ele deixa sua moradia, lugar que estar acostumado a viver e é levado para outro local; deixa também suas referências, o território para qualquer sujeito, independente da sua idade cronológica adquirir um papel fundamental e emocional principalmente na velhice. Sobre a noção de território, o geógrafo Haesbaert (2005) que ele tem conotação de identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. Esse conceito nos leva a pensar, no caso da senescência, que o indivíduo, quando retirado da sua moradia, é lançado também para fora de sua localidade, experimentando nessa passagem insegurança e medo do desconhecido, essa vivência de desterritorialização⁷ é acompanhada da dor da perda, do desaparecimento de um lugar e de tudo o que este representava em termos de organização simbólica para ele, esta

6 Montanhas da morte faz referência ao filme japonês “A Balada se Narayama” que fala sobre o Japão nos fins do século XIX, eram obrigadas a sacrificar seus velhos. Transporta-los para uma montanha (montanha da morte) no inverno, os idosos eram ali abandonados e entregues à fome e ao frio morrendo completamente sós.

7 Desterritorialização é definido como uma quebra de vínculos, uma perda de território, um afastamento dos nossos territórios um afastamento dos nossos territórios, havendo assim, uma perda de controlo das territorialidades pessoais ou colectivas, uma perda de acesso a territórios econômicos, simbólicos.

mudança de lugar se apresenta para o longevo de uma forma brusca, violenta, sem um mínimo de entendimento e adaptação.

No livro do autor português Valter Hugo Mãe, é descrito um espaço físico chamado “Feliz Idade”, um asilo localizado em Portugal que é descrito e relatado pelo Sr. Silva durante boa parte da obra. O protagonista conta o desconforto que sente ao está situado no ambiente que o acolhe e apresenta uma tradução de um enunciado com conflitos entre o sujeito em seu mundo social e existencial, de início sem perspectiva de inclusão. Ser deixado no lar por sua filha Elisa, com o discurso que seria melhor para ele estar ali, com velhos iguais a ele, como se pode observar neste trecho da narrativa do Sr. Silva em seu primeiro momento no asilo, “eu ficaria bem. vai gostar de aqui estar, com novos amigos, pessoas que lhe farão companhia todo o dia. eu quis que ela pensasse que assim seria tudo melhor” (MÃE, 2016, p. 39), é um equívoco cometido pela filha, pois entender que basta o ancião está junto a outros sujeitos de sua idade cronológica e ser atendido em suas necessidades orgânicas seria suficiente para lhe dar amparo, mostra-se um grande engano sobre a velhice.

Simone de Beauvoir, discorre sobre os asilos na sua época (anos 90), ambiente descrito como um lugar de espera da morte e de condições desumanas, acrescentando que entre os longevos, a própria transformação de lugar, seja ela de que tipo for, repetidamente provoca o luto. É antes “[...] o destino dos que sobrevivem que se deve deplorar. Num grande número de casos, pode-se resumir esse destino em algumas palavras: abandono, segregação, decadência, demência, morte” (BEAUVOIR, 1990, p. 317).

O abandono familiar dos moradores do asilo representado na obra, se reflete não somente em seu personagem principal, mas também em todos os idosos lá deixados pelos seus familiares, recebendo poucas visitas e poucas cartas “[...] a velhice pode ser, inclusive, o momento no qual o sujeito vive seu desamparo de maneira mais aguçada. [...]” (MUCIDA, 2014, p. 41).

3. O Desrespeito para com o Velho na Obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*

Na obra, *A Máquina de Fazer Espanhóis*, mostra o desrespeito pelo patriarca da família em vários momentos. Dentre eles podemos destacar a negação de sua própria voz e no seu direito de opinar em sua própria vida, como deixa bem claro em diversos momentos do livro, aceitando e narrando que não podia mandar nos herdeiros, uma vez

que são eles que se viam no direito de tomar as decisões de seus pais, que já não mandávamos “[...] nos filhos, crescidos e independentes, fazendo isso com que parte dos nossos papéis ficassem vazios. era como morrer para determinadas coisas”. (MÃE, 2016, p. 31), este trecho evidencia essa perda de autonomia, o sentimento de “morrer” como ser humano, por se incapaz de fazer suas próprias escolhas e decisões.

Em diversos fragmentos, a obra analisa também a falta do ouvir e do querer da pessoa idosa, mostrando o total desrespeito para com sua vontade. O velho Antonio Jorge da Silva foi levado ao lar de idosos pouco depois do falecimento de sua esposa Laura, por sua filha Elisa, mesmo contra a sua decisão, como podemos observar abaixo:

a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupas e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, ainda nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. (MÃE, 2016, p. 37).

Elisa usa um discurso de que ali, naquele novo ambiente, o seu pai teria conforto e estaria rodeado de indivíduos para lhe fazer companhia, com a tentativa de consolá-lo pela decisão acatada somente por ela, uma vez que ele não a questionou, mesmo essa não sendo a determinação que ele acataria para si:

eu quis que ela pensasse que assim seria tudo melhor, segundo o seu desejo, porque por uma filha nos falta o ódio como deve ser. aceitei o beijo e senti-a afastar-se metro a metro, como se entre o seu eu e o meu corpo existisse um cordão que rebentaria quando esticado de mais. sentia-a deixar-me ali, correndo para os braços do seu marido e dos meus netos, onde a vida era feita das coisas de sempre. e com cores nas paredes, pensava eu (MÃE, 2016, p. 39).

Outro ponto que merece destaque na obra, em que os velhos não têm suas vontades acatadas, é o implantar de um credo religioso, mesmo sem o consentimento ou aprovação destes. António Silva, já não mais crente em Deus, nega, de princípio, a imagem de Nossa Senhora de Fátima em seu quarto, “[...] depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de Fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma” (MÃE, 2016, p. 37). Mesmo diante de tal doutrinação, o senhor silva mostra-se resistente a ela: “[...] talvez devesse lembrá-los de que não sou um homem religioso e que a perda não me fez acreditar em fantasias” (MÃE, 2016, p. 41).

António Jorge da Silva, nosso protagonista, sente-se controlado e desrespeitado no lar em que vive. Informação comprovada pelo uso das palavras “autorização” e

“obrigados”, ao serem proferidas pelo senhor silva quando este fala dos horários e lugares permitidos no Feliz Idade, conforme os trechos, respectivamente: “desci para jantar porque me foram buscar [...] não faria nada se não fosse obrigado” (MÃE, 2016, p. 41) e mais adiante reclamava: “algumas vozes do quarto ao lado resmungaram qualquer coisa, mas não seria nada, pois àquela hora da noite era obrigatório dormir e qualquer arrufo de mau feitio esperava pelas sete da manhã para ser repreendido” (MÃE, 2016, p.44).

Os trechos acima retirados da obra usam as palavras “obrigado” e “autorizado” no sentido de remeterem às regras que os idosos deveriam seguir no lar, essas ditas ordens ocasionam o sentimento de cárcere, uma vez que já não podem fazer o que têm vontade. Desde o primeiro momento em que são deixados no asilo, os velhos já não têm autonomia nem de escolher o horário de suas refeições, e nem mesmo de sair do lar sem autorização.

Na obra, é visível o desespero que os velhos sentem ao serem trocados dos quartos que ficam na ala direita, fazendo frente para o parque, para os aposentos direcionados na ala esquerda, fazendo frente para o cemitério - para onde são levados os idosos mais adoentados. A ida para a ala esquerda carrega consigo uma carga negativa aos anciões, começando com a vista, que é direcionada à necrópole, sem contar que os longevos postos nesta área são os mais propícios a virem logo a óbito, “não quero ir para a ala esquerda, ali fico sem jardim, só vejo o cemitério” (MÃE, 2016. p. 249). Esse medo de ir para o lado que tem como vista o cemitério permeia todo o livro e leva a refletir sobre o fato de se ter esta divisão do espaço entre os saudáveis na direita e os doentes na esquerda não acaba antecipando os sêniores ao seu falecimento, ou até mesmo causando transtornos e pânico ao serem transferidos de dormitórios.

Um dos personagens secundários presentes na obra, o senhor Pereira, passa por uma cena de desrespeito, que acaba lhe causando os sentimentos de aflição, culpa, medo e vergonha. Segundo Wurmser (1981), a culpa é um afeto que reflete a expansão do poder e a infração dos direitos dos outros, a vergonha é o afeto que acompanha a exposição de uma falha.

De acordo com o Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003), determinado “a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.” (BRASIL, 2003. Art. 1.º), humilhar uma pessoa na terceira idade é crime e acarreta em multa, conforme descrito no **Art.96.:**

Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade:

Pena - reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar pessoa idosa, por qualquer motivo.

§ 2º A pena será aumentada de 1/3 (um terço) se a vítima se encontrar sob os cuidados ou responsabilidade do agente. (BRASIL, 2003. Art. 96).

O ato de humilhação sofrido pelo personagem foi cometido por uma enfermeira do turno da noite, do lar Feliz Idade, devido o senhor Pereira ter sujado os lençóis e o jogado para fora do lar, dado que a profissional de saúde, do turno da noite, a gritar contra tudo, a chamar-lhe de “[...] porcalhão, não por ter feito na cama, mas por ter ido despejá-lo na rua [...] a enfermeira da noite pôs-se a dizer-lhe que, se calha, era melhor que passasse para os quartos da ala esquerda” (MÃE, 2016.p.179). A fala da cuidadora nos faz inferir que esta desejava que o senhor Pereira viesse logo a óbito, já que desejava que este fosse transferido logo para a ala esquerda.

O senhor Pereira se sente extremamente envergonhado em meio aos seus companheiros do lar, o narrador o compara com crianças que ainda bebês fazem “xixi” na cama e que por isso teve como castigo a mudança de quarto, causando-lhe maior aflição: “ele envelhecera um ano na última semana. estava abatido dos olhos e não nos encarava” (MÃE,2016, p.181). O medo é um sentimento característico dos seres vivos, assim como a vergonha que nos leva a esconder este medo e a tentativa de omitir os erros, para não revelar uma imagem desqualificada de si mesmo.

Outra questão levantada na obra é a infantilização dos idosos, que pode ser entendida como uma forma de marginalização deste, e é vista a partir de duas maneiras: a primeira é a negação da própria família e/ ou do próprio velho que já está na terceira idade, se imaginando ainda permanecer jovem, capaz de realizar todos as suas ações sem nenhuma dificuldade: “[...] quis descer pelas escadas largas, não estava ainda inválido para coisa nenhuma e seria um orgulho parvo mostrar-lhes isso, mas era importante que o soubessem [...]” (MÃE, 2016, p. 41). Rozendo (2012) discorre sobre o senso comum e o entendimento acerca do que é a velhice com a seguinte afirmação, “no senso comum é bastante forte o entendimento de que a velhice é um retorno à infância [...]” (ROZENDO, 2012, p. 29). Castro (2012) reforça que esta teoria da infantilização do velho, que por muitas vezes é assumida pelos profissionais de geriatria, assumindo um comportamento

“paternal” ou “maternal” é usada com os anciões abandonados por causa desta suposta incapacidade e decadência física.

Observamos este comportamento de tratamento paternal no trecho da obra em que o Senhor Silva, fala sobre um dos personagens, o Doutor Bernardo, que é o médico responsável pelo lar de idosos Feliz Idade: “o doutor bernardo bem podia esquecer o seu paternalismo, aquele tom doce que me punha diabético das ideias [...]” (MÃE, 2016, p. 111).

Também pode-se analisar como tratamento infantil e maternal, o comportamento da enfermeira que trabalha no asilo, ensinando ao personagem coisas simples como se fosse uma criança ainda a aprender sobre a vida “[...] uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental do idoso é, de facto, igual à de uma criança”. (MÃE, 2016, p. 38).

No livro, o personagem principal, António Jorge da Silva, usa como distração da vida monótona do asilo a brincadeira com as “pombinhas” de papel que colocava ao redor da imagem de Nossa Senhora de Fátima que havia em seu quarto, chamando-a de Mariazinha. O próprio narrador fala em sua obra que está com um aparato infantil, “ao invés disso, reparou na Mariazinha, no aparato infantil que ali estava criado, e viu a pombinha ridiculamente tombada aos seus pés” (MÃE, 2016, p. 90), na sequência deste episódio, seu Silva conversava com Américo, que se utilizara da estratégia de animar o idoso falando das pombinhas e da Mariazinha, tirando o foco de sua tristeza, mesma estratégia utilizada com crianças pequenas.

Em outro trecho da obra, Valter Hugo Mãe usa-se de seu personagem para fazer esta comparação entre a infância e a velhice “[...] somos de facto parecidos com os miúdos, porque vamos ficando atrapalhado das ideias [...] fazendo asneiras que não se esperam de adultos [...]” (MÃE, 2016, p. 117).

Em resumo, a velhice e/ou envelhecimento na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*, do escritor, editor e artista plástico português Valter Hugo Mãe tem como uma de suas caracterizações a revolta, a perda da autonomia e a presença de um sentimento de vulnerabilidade:

[...] e só não nos tornamos perigosos porque envelhecer é tornarmo-nos vulneráveis e nada valentes, pelo que enlouquecemos um bocado e somos só como feras muito grandes sem ossos, metidas dentro de sacos de pele imprestáveis que já não servem para nos impor verticalidade nem nas mais pequenas batalhas (MÃE, 2016, p.23).

Neste trecho, o autor Valter Hugo Mãe fala da inutilidade do passado de não importar quem você foi antes de ser “velho”, quando a velhice chega seus atos grandiosos, suas grandes ações, sua bondade ou maldade passada não interessa a ninguém além de você e de suas próprias lembranças.

pouco importava que o orgulho deles trouxesse ao de cima o passado profissional, mais ou menos brilhante, mas verdadeiro ou mentiroso, porque muitos mentem sem pudor para não se deixarem humilhar, pouco importava tudo isso porque tão na extremidade da vida eram todos a mesma coisa, um conjunto de abandonados a descontar o pó ao invés de areia na ampulheta do tempo (MÃE, 2016, p. 43).

A metáfora usada pelo autor “monstro gigante sem ossos,” revela este sentimento de extrema fragilidade que o leva a se sentir inferior mediante a sua própria vida, define-se uma sensação de impotência causado pela perda de sua autonomia na sociedade, na sua família e sobre sua existência. Na citação seguinte o escritor, na voz do personagem, reforça que não importa o seu passado glorioso, ou falso, suas conquistas ou derrotas, todos estavam ali (no asilo Feliz Idade), como iguais, abandonados, rejeitados e a espera de seus dias finais sem expectativa de algo novo.

à velhice, pensei, é o cérebro que alui corpo abaixo, até ficar a atrapalhar o funcionamento dos outros órgãos [...] senti que me aluíam as ideias, desapareciam, e a clareza das coisas escurecia e eu não fazia mais lógica nenhuma no que sempre regulara o termóstato da minha febre’ (MÃE, 2016, p. 171).

Considerações Finais

O presente estudo buscou analisar o abandono e o desrespeito cometido à pessoa idosa na obra *A máquina de fazer espanhóis*, do escritor português Valter Hugo Mãe. Para tanto, amparamos nossas reflexões em Beauvoir em sua obra *A velhice*, a qual discorre sobre o abandono dos idosos, comparando essa atitude a de animais irracionais e sem sentimentos. Também consideramos as reflexões propiciadas pelo artigo de Carmona *et al*, que defende que este tipo de violência (abandono) ocasiona a solidão e esta gera um declínio na saúde mental do velho, progredindo para quadros depressivos que podem levar ao suicídio. Ainda sobre o desamparo, também discutimos sobre a importância que assume a moradia para o longo tempo, onde são impressas suas referências, suas memórias e seus costumes, fazendo de seu lugar não apenas um local simbólico, cultural e histórico, mas também afetivo e, para isso, nos valemos da noção de “território” de Haesbert (2005).

No que concerne ao desrespeito com o velho na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis* trouxemos fragmentos literários que comprovam esse desrespeito para com o idoso. Além de tudo isso, também conduzimos nossas análises com artigos do Estatuto do Idoso, que estabelecem os direitos dos longevos e punições a quem os violarem, oferecendo aos longevos uma melhor qualidade de vida.

Contudo, vale ressaltar que há grande necessidade de investir em outras pesquisas sobre o abandono familiar e os desrespeito na terceira idade, precisamos conhecer e ver a percepção das famílias sobre o descaso, o desrespeito e os danos psicológicos, físicos e emocionais que podem causar, de modo a buscar investigar o porquê do afastamento da família e o insulto para não o naturalizá-lo. Estamos distantes de conseguir a erradicação do abandono, da irreverência e dos maus tratos aos idosos em relação a família, a sociedade e ao Estado, principalmente, de conseguir a total garantia da dignidade e de todos os direitos conferidos legalmente.

Nesta pesquisa observou-se que há uma nítida fragilidade nas medidas de segurança e vigilância contra as violências e o desrespeito aos idosos, necessitando de uma possível atenção que seja eficaz e uma melhor capacitação das pessoas que venham a trabalhar em casas de repouso, para que não haja “acidentalmente” uma agressão contra os anciões que lá residem.

Conclui-se que, mesmo tratando de uma obra ficcional ambientada em outro país, ela representa muito bem a realidade de muitos países, inclusive a brasileira, pois no Brasil ainda há um descaso muito grande para com os idosos. O tema trabalhado mostra-se relevante tendo em vista que o número de casos de abandono afetivo e desrespeito para com a pessoa idosa só vem aumentando, mas é possível que haja uma nova forma de intervenção, tendo em vista o surgimento de futuros projetos que possam tentar restabelecer os vínculos familiares, para conseguir com êxito o fim do abandono inverso e desacato, buscando a garantia da dignidade de pessoas que sofrem essas violações quanto aos seus direitos inerentes.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*: realidade incômoda. (2ª ed.) São Paulo, Difel 1976.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*. 3 ed. Brasília: Ministério da Saúde.

Brasil tem poucas instituições para idosos, aponta levantamento do Ipea, *Jornal Nacional/notícia/ G1*- Edição do dia 24/05/2011- Atualizado em 24/05/2011 21h16. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/brasil-tem-poucas-instituicoes-para-idosos-aponta-levantamento-do-ipea.html>. Acesso em: 15 de março de 2021.

CANDIDO, A *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rey Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2006.

CARMONA ET AL. A EXPERIÊNCIA DE SOLIDÃO E A REDE DE APOIO SOCIAL DE IDOSAS. *Psicologia em Estudo (Impresso)*, v. 19, p. 681-691, 2014.

CASTRO, Maria Leonor Pereira. *Figurações da velhice nos romances Em Nome da Terra e a máquina de fazer espanhóis*. 2013. 132p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2013.

Em 2030, Brasil terá a quinta população mais idosa do mundo. *Jornal da USP*, São Paulo, 07/06/2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/em-2030-brasil-tera-a-quinta-populacao-mais-idosa-do-mundo/>. Acesso em: 15 de março de 2021.

HAESBAERT, Rogerio. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, 2005. p. 6774-6792.

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. 2º ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MELLIS, Fernando. Número de idosos no Brasil deve dobrar até 2042, diz IBGE, *R7 notícias Brasil*, 25/07/2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/numero-de-idosos-no-brasil-deve-dobrar-ate-2042-diz-ibge-25072018>. Acesso em: 15 de março de 2021.

MUCIDA, A. *O Sujeito não Envelhece* - Psicanálise e Velhice. Minas Gerais: Autentica Editora, 2014.

NETTO, M. P. *Tratado de gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 2007.

ROZENDO, A. da S; JUSTO, J.S. Institucionalização da velhice e regressão: um olhar sicanalítico sobre os asilos de velhos. *Revista Kairós Gerontologia*, 2012, dezembro, pp. 25-51. On line ISSN 2176-90IX. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP). Brasil: FACHS/NEPE/PEP GG/PUC-SP.

WURMSER, L. *The mask of shame*. Mariland: The Johns Hopkins University Press. 1981.

ZIMERMAN, Guite I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2007.